

## A leitura da cidade através da História Urbana

Elaine de Albuquerque Medeiros  
Contato: elainealbuquerque.andrade@gmail.com

Estruturação e gestão do território

---

### 1 INTRODUÇÃO

Os tempos históricos presentes em uma cidade podem ser mais facilmente percebidos e vivenciados nos centros históricos, local onde a construção da cidade se iniciou. Desta forma, os núcleos históricos detêm elementos simbólicos do passado e representam a somatória das construções sociais e costumes não só do tempo de outrora, como também do presente, ou seja, é o local da cidade que mais acumula significados.

Este trabalho se apresenta como parte de uma dissertação de mestrado que se encontra em desenvolvimento e que tem como objetivo realizar uma análise do processo de tombamento federal do Centro Histórico de Natal, cujos estudos foram iniciados em 2006 e encontra-se tombado provisoriamente desde o final de 2010.

### 2 OBJETIVOS

O presente artigo tem como objetivo apresentar a fundamentação teórico-metodológica que subsidiará o desenvolvimento da releitura do centro histórico de Natal, um dos objetivos da dissertação supracitada.

### 3 METODO

O método de trabalho se baseia na escolha de trabalhar com a articulação entre o método de análise sobre a apreensão e produção da cidade calcado na perspectiva histórica - que enfatiza a indissociabilidade entre arquitetura e cidade (Rossi, 2011) – e o conceito de morfologia urbana (LAMAS, 2010).

### 4 DESENVOLVIMENTO

Aldo Rossi, na introdução do livro “Arquitetura da Cidade”, escrito em 1966, apresenta um método de análise sobre a apreensão e produção da cidade, calcado na perspectiva histórica. Para o autor, o método

histórico “[...] parece ser aquele capaz de nos oferecer a verificação mais segura de qualquer hipótese sobre a cidade; [pois] a cidade é, por si mesma, depositária de história.” (ROSSI, 2001, p.193).

Dentro do entendimento de cidade do autor, o conjunto de arquiteturas é a própria construção da cidade no tempo e expressa através da sua materialidade as marcas e características físicas de uma determinada sociedade. Da visão do autor de cidade como arquitetura, estrutura-se a primeira das três premissas do seu método de análise: a teoria dos fatos urbanos. Rossi argumenta que os fatos urbanos “são a construção de uma elaboração complexa a respeito da ideia que se tem de cidade”, “e concerne diretamente não apenas à estrutura material [...] [dela], mas também à ideia que temos da cidade como síntese de uma série de valores” (ROSSI, 2001, p. 194). Neste sentido, esta arquitetura (fato urbano) se caracteriza como uma construção inseparável da vida civil e da sociedade onde se manifesta.

Dentro da premissa de fato urbano, podemos introduzir o conceito de “problema político da cidade”. Para o autor, o problema político da cidade é entendido “[...]como um problema de escolha, pela qual a cidade se realiza através de sua própria ideia de cidade” (ROSSI, 2001, p.5) e que “dá forma concreta à sociedade e é intimamente ligada a ela”, tornando a arquitetura

“inseparável da formação da civilização” e, “um fato permanente, universal e necessário” (ROSSI, 2001, p.1).

A segunda premissa do método de Rossi entende a cidade como artefato urbano, sendo a cidade a materialização e os próprios vestígios da sua construção no tempo, mesmo que esses vestígios se apresentem de forma descontínua.

Já a terceira premissa do método de análise Rossiniano, entende que a cidade se encontra dividida em elementos primários e área residência. Rossi diferencia o “monumento” ou “elemento primário”, a partir do entendimento de que o mesmo age como uma referência coletiva com valor de permanência, que se destaca em meio a “área-residência”, em constante transformação. Para ele, os elementos primários (monumentos) são os elementos estruturadores do espaço, pois são a partir dele que geralmente os fatos urbanos começam a se materializar.

Podemos estabelecer alguns paralelos entre a abordagem de Rossi e o pensamento que José Ressano Garcia Lamas apresenta no livro “Morfologia urbana e desenho da cidade”. O primeiro paralelo estabelecido se dá entre a premissa de cidade como artefato e o que Lamas entende como sendo o objetivo da arquitetura: a construção da forma do espaço humanizado (LAMAS, 2010, p. 26).

Definindo “forma urbana” como o “conjunto de formas arquitetônicas ligadas entre si por relações espaciais”, Lamas identifica que esta forma “é uma realidade para a qual contribuiu um conjunto de factores socioeconômicos, políticos e culturais”. Para Lamas:

Sem dúvida que a economia, ou as condições socioeconômicas da produção do espaço, se reflectem profundamente na sua forma. Isto é muito importante. Mas a forma urbana é também, ou deverá ser, o resultado da produção voluntária do espaço. Entendo por voluntário um processo que, tomando em conta os objetivos de planeamento (econômicos, sociais, administrativos), os organiza e resolve utilizando os conhecimentos culturais e arquitetônicos sobre este mesmo espaço e materializando-os através de sua FORMA. (LAMAS, 2010, p.26).

No entender de Rossi, “história urbana” e “história da forma urbana” se complementam, sendo necessário, para o arquiteto, partir do domínio de seu campo de conhecimento – a cidade como estrutura espacial – e se valer dos aspectos trabalhados pelos campos disciplinares que partem do entendimento da cidade como “produto de sistemas funcionais geradores de sua arquitetura”, para o estabelecimento de suas análises:

Sem querer esboçar nenhum quadro de referência para uma história do estudo da cidade, podemos afirmar que existem dois grandes sistemas; o que considera a cidade como produto de sistemas funcionais geradores de sua arquitetura e, portanto, do espaço urbano; e o que a considera como estrutura espacial. No primeiro, a cidade nasce da análise de sistemas políticos, sociais, econômicos, e é tratada do ponto de vista dessas disciplinas; o segundo ponto de vista pertence muito mais á arquitetura e á geografia. Embora eu parta desse segundo ponto de vista, como dado inicial, levo em conta os resultados dos primeiros sistemas que conseguiram colocar questões muito importantes. (ROSSI, 2001, p.6)

Desta forma, Rossi enfatiza a possibilidade de se trabalhar com a história dos fatos urbanos – através da sua dimensão material, física – como um referencial para a compreensão da própria história das cidades:

Quando analisamos os **fatos urbanos** pelo que são – como construção última de uma elaboração complexa -, (...) inclino-me a creditar que a **ciência urbana**, entendida desse modo, pode constituir um **capítulo da história da cultura** e, por seu caráter

global, um dos capítulos principais.  
(ROSSI, p.4)

Daí surge outra aproximação com Lamas, que também aborda o fato da história da forma urbana conseguir explicar a história da cidade, tornando-se mais uma base para a apreensão da produção do espaço:

Um primeiro grau de leitura da cidade é eminentemente físico-espacial e morfológica, portanto específica da arquitetura, e o único que permite evidenciar a diferença entre este e outro espaço, entre esta e aquela forma, e explicar as características da cada parte da cidade. A estes se juntam outros níveis de leitura que revelam diferentes conteúdos (históricos, econômicos, sociais, e outros). Mas esse conjunto de leituras só é possível porque a cidade existe como facto físico e material. Todos os instrumentos de leitura lêem o mesmo objeto – o espaço físico, a FORMA URBANA. (LAMAS, 2010, p.31)

A perspectiva da capacidade que tem a história da forma urbana de “explicar” a “história da cidade” em suas diversas temporalidades, e esta dupla polaridade – entre história urbana e forma urbana – passa então a constituir uma base para a apreensão e produção do espaço, por parte do arquiteto urbanista:

Um primeiro grau de leitura da cidade é eminentemente físico-espacial e morfológica, portanto específica da arquitetura, e o único que permite evidenciar a diferença entre este e outro espaço, entre esta e aquela forma, e explicar as características da cada parte da cidade. A estes se juntam outros níveis de leitura que revelam diferentes conteúdos (históricos, econômicos, sociais, e outros). Mas esse conjunto de leituras só é possível porque a cidade existe como facto físico e material. Todos os instrumentos de leitura lêem o mesmo objeto – o espaço físico, a FORMA URBANA. (LAMAS, 2010, p.31)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação entre o método de análise citadina de Rossi, fortemente amparado na “História Urbana”, e o desenvolvimento teórico de Lamas baseado na “História da Forma Urbana” fornecem bases para a realização diferenciada de (re) leituras dos espaços urbanos, principalmente os que se encontram em áreas de excepcional valor histórico. Dessa forma, olhar para espaços historicizados através da articulação das ideias de Aldo Rossi e Garcia Lamas, proporciona um novo olhar sobre os centros históricos, a partir do entendimento da sua própria forma urbana, onde ela

explica e ao mesmo tempo é explicada pela história urbana.

## 6 AGRADECIMENTOS

Ao CNPQ pelo auxílio financeiro para a efetivação dessa pesquisa.

A prof. Dr<sup>a</sup> Natália Vieira pela orientação e acompanhamento da pesquisa de mestrado.

## 7 REFERÊNCIAS

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 5ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.